

Qualquer recensão de um álbum novo de um autor já estudado nestas páginas comporta sempre alguma ambiguidade. Se por um lado há o prazer da redescoberta do disco anterior, tampouco será inédito um torcer de nariz à prosa original. Outro perigo, de tipo reflexo, consistirá em descobrir não estar afinal o disco novo à altura do seu ilustre antecessor.

No caso dos heróis da presente **Discopatia**, Ray LaMontagne, The Shins e Arcade Fire, não hesito em subscrever toda a carga superlativa de elogios antes publicados. A recuperação dos seus álbuns anteriores foi motivo de renovado prazer. Ousariam competir com eles os novos álbuns? Eis o que vamos tentar apurar! E nós, seremos os mesmos que ouvimos esses primeiros discos?



The Shins

a) Chutes Too Narrow (2003)

Os Shins são oriundos do Novo México e a sua estreia discográfica *Oh, Inverted World* (2001) entusiasmou a comunidade *rock* independente da América. Com *Chutes Too Narrow* (2003) lograram superar o notável álbum de estreia com um disco orgulhosamente de autor, composto de dez canções *pop* perfeitas, povoadas de linhas melódicas encantadoras, dulcíssimas harmonias vocais e limpas do filtro nebuloso à volta da voz de James Mercer, compositor, guitarrista, cantor e artesão-mor de uma banda com existência ancorada nas suas composições.

Segundo fôlego

Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio

Heraclito

Chutes Too Narrow é em simultâneo ousado e familiar, surpreendendo e deleitando a cada novo instante com as suas melodias ensolaradas, a singela guitarra acústica, as cordas discretas e um ouvido exímio para a melodia. Gravado quase na íntegra na cave de Mercer, o álbum consegue vestir-se de uma sofisticação sonora que não lhe sufoca a espontaneidade e um encanto algo devedor da melhor cena de *rock* independente britânica, feliz resquício da educação adolescente de Mercer em terras de Sua Majestade.

Com uma sequenciação imaculada, começando com os temas mais *rasgar* e introduzindo a partir do meio do disco as baladas e uma pungente *steel-guitar*, *Chutes Too Narrow* constituiu os 35 minutos mais rápidos e viciantes do ano musical de 2003 para **Discopatia** e o álbum mais rapidamente vendido da história do selo Sub Pop, a etiqueta cuja pena no chapéu eram os Nirvana.

b) Wincing the Night Away (2007)

O espectro do gosto musical de **Discopatia** é, sem ostentação, vasto, dos *blues* ao *jazz*, da *folk* à electrónica, etc. No entanto, e embora cada vez menos, uma pura melodia *pop* de 3 minutos logra resgatar-me deste *spleen* meridional e do negativismo tão português, mais do que qualquer registo do Philip Glass ou de um Tom Waits outrossim favorito destas páginas. *Chutes Too Narrow* fizera-me sorrir sem complexos e contaminara-me de um entusiasmo juvenil. Razão para recluir as palavras de James Mercer, anunciando o novo álbum como mais experimental, quicá enfeitando o puro prazer *pop* de *Chutes* em nome

de uma desconfortável modernidade. Logo na faixa inicial, *Sleeping Lessons*, temi o pior, uma construção em crescendo culminando numa cas-



cata violenta de guitarras eléctricas ao arrepio da antiga subtileza. Tratava-se, afinal, de *a thousand different versions of yourself*, logo se sucedendo uma corrente *non-stop* de encantadoras canções tão belas como as antigas, como se, mais que um álbum, *Wincing* fosse um único e interminável *hit*, com o irresistível *Phantom Limb* como cartão-de-visita. Por experimentação quereria Mercer referir-se à introdução de elementos novos como sintetizadores (*Sealegs*), texturas electrónicas (*Black Wave*) e batidas *hip-hop* (de novo *Sealegs*) ou o recurso ao produtor Joe Ciccarelli (Beck, U2), desvios laterais que traduzem a curiosidade de Mercer e expandem a simples mas inspirada música dos Shins em mais direcções sem a afastar da sua encantadora rota principal – uma encantadora *pop* de canções soando sempre familiares, embora agora um pouco mais negras e densas e a requerer maior disponibilidade do ouvinte.

As letras são igualmente crípticas e palavrosas, canções sem refrão e de frases longas (a antítese da *pop*) testando a ginástica vocal de um James

DISCOPATIA Segundo fôlego

Mercer a sair-se airoso da tarefa. The Shins *did it again*, não faltando quem julgue James Mercer como o novo Brian Wilson da pop.

Ray LaMontagne

a) *Trouble* (2004)

A história de Ray LaMontagne, resgatado ao isolamento de uma cabana no New Hampshire, construída por si e onde vivia precariamente com a família, e a um emprego das 9 às 5 numa fábrica, é um pequeno conto-de-fadas.



A fada madrinha foi o produtor Ethan Johns e a epifania para o público o álbum de estreia *Trouble*. LaMontagne jamais lograria encontrar um produtor com tamanha empatia pelas suas canções quanto Johns, produtor-músico que tocava mais instrumentos (bateria, baixo, piano, guitarra, arranjos de cordas) no álbum que o próprio LaMontagne – «Ethan coloriu um álbum o qual, sem ele, seria bem mais negro.»

Trouble é uma colecção de canções aditivas e algumas *short-stories* (*Narrow Escape, Hannah*) – «canções simples oriundas de um lugar negro» – sobre o mais velho dos temas, o amor (e a liberdade, a dúvida, a dor), escritas por uma pena dilacerada, o que já valeu comparações (**Discopatia** prefere falar em piscadelas de olho) a Jeff Buckley, Van Morrison, Otis Redding, Neil Young, Ray Charles ou Rufus Wainwright.

O despojamento é característico da maioria dos temas (*Burn* é mesmo nu), mas não sem alguma sofisticação, o hipnótico *Forever My Friend* roçando perigosamente o indulgente *soft-rock* dos anos 70 (Jackson Browne, Michael McDonald, os arranjos de guitarras acústicas dos America) e dele salvo pela *blue-eyed*

soul de Ray, cuja voz expressiva fará chorar as pedras da calçada, safando-se com brio de fraseados aqui e ali dificilmente cantáveis.

Um vago perfume nostálgico a anos 70 – a figura frágil do autor-intérprete – inebria *Trouble*, colecção de canções singelas mas não menos intensas por isso, arriscando-se a ficar na história da melhor música popular norte-americana. De tempos a tempos surge um álbum assim, de origem ignota e contagiante na sua singularidade, que apetece anunciar aos quatro ventos e impor aos amigos.

b) *Till the Sun Turns Black* – Ray LaMontagne (14th Floor – 2007)

Atendendo ao enorme volume de autores-intérpretes a tentarem pontualmente a sua *chance* e ao reduzido saldo positivo dos que o conseguem, em tempos de vacas magras para a indústria, é quase inaudito que *Trouble*, álbum primeiro de um autor desconhecido, haja vendido mais de 300.000 exemplares, motivando um culto crescente à volta da figura e canções torturadas de Ray LaMontagne.



Discopatia não foi a única a render-se aos encantos inéditos de *Trouble* e decerto foi uma das que mais antecipava quaisquer novas canções de LaMontagne. Como tal, das primeiras a alvoroçar-se com notícias de novo disco. E das primeiras a desapontar-se à primeira audição do álbum, apenas a antiga fidelidade a motivando para escutas renovadas onde, finalmente, tamanho desapontamento se atenua!

Till the Sun Turns Black é, como o apocalíptico título indicia, negro, espectral e menos *radio-friendly* que *Trouble*, mais sussurrado, íntimo e melancólico, uma *folk* aqui e ali sopo-

rífica e documental do penoso percurso entre a tal cabana no New Hampshire e as luzes da ribalta.

Se as canções permanecem simples e (mais) desoladas, algumas beneficiam de arranjos mais cuidados de cordas e metais e produção menos despojada do fiel Ethan Johns, como as *souful* *Three More Days* e *You Can Bring Me Flowers*, onde ecoa uma feliz memória do glorioso som Stax ou Motown ou a escola dos *blues*.

Escrita e voz de LaMontagne são de uma tocante vulnerabilidade, suspeitando **Discopatia** que o número de incondicionais do autor não diminua, adensando a aura de autor sofrido. O reconhecimento público, esse fica adiado para compromisso futuro entre uma arte intimista e uma gestão mais comercial da obra.

The Arcade Fire

a) *Funeral* (2004)

Não conheço caso recente na música *pop* de tamanha sintonia entre crítica e público como os Arcade Fire, colectivo sediado em Montreal e cujo álbum de estreia, *Funeral*, um dos mais insólitos e hipnóticos documentos sonoros da música popular, motivou hossanas da comunidade musical planetária. As suas incandescentes prestações ao vivo reforçaram o culto, como a já mítica actuação em Paredes de Coura em 2005, para muitos dos ditosos lá presentes o concerto das suas vidas.

Funeral é uma sentida meditação sobre a família, a precariedade da vida e as dores que informam quem lá anda, mas também sobre o amor, a redenção e o sentido de comunidade. O som é inclassificável, uma *pop* de câmara propulsionada pela atitude *punk* da voz de Win Butler e do ataque feroz de guitarras eléctricas a um passo da dissonância, mas poeticamente temperada por uma outra e heterodoxa instrumentação – xilofone, violino, acordeão, sintetizador, cordas. O equilíbrio é precário mas miraculoso, estímulos e elementos vários em convívio e colisão num edifício sonoro à beira da implosão e salvo pela poesia e delicadeza das linhas acústicas. E, a espaços, pela

delicadeza do toque da francófona Régine Chastaigne (o acordeão *valse-musette*, a língua francesa).



Mais que pela excelência de qualquer tema individual, *Funeral* vale pelo conjunto, exercício hipnótico de renegação do *rock* e sua salvação, o que deve ser lido com probabilidade como metáfora da vida dos membros dos Arcade Fire, às voltas com várias mortes no seu *inner circle*, cujas informaram a gravação (e daí o funéreo título) de *Funeral*.

b) Neon Bible (2007)

Se *Funeral* já era desfórico, *Neon Bible* será o álbum mais negro do ano (embora **Discopatia** admita haver passado ao lado das últimas produções de Tom Waits e Nick Cave).

Gravado numa igreja perto de Toronto transformada em pequeno estúdio, para o disco passou não só a sonoridade do órgão de catedral como também o ambiente severo do pré-apocalipse (*World War III when are you coming for me?*) e a iminência do desastre (*not much chance for survival*) para que somos alertados pelo reverendo Win Butler, spectral do alto do seu púlpito em chamás.

Butler e os Arcade Fire cantam o desconcerto de um mundo à beira da desagregação, espiado por câmaras sinistras e tolhido pelo medo (*there's a fear I keep so deep... men are coming to take me away*), a tensão e a angústia pela *next bad thing* (*mirror, mirror on the wall I show me where them bombs will fall*), visto através de um *Black Mirror* e onde ecoam *Bad Vibrations* num *Ocean of Noise* em cujo meio cresce uma grande *Black Wave*.

O *pathos* de *Funeral* era mais pessoal, mais intrínseco à banda. *Neon*

Bible traduz o crescimento de uma banda – de Toronto à escala global – mais amarga e revoltada e lidando com torturada verdade com temas e perigos maiores – religião, guerra, *media*, a própria América (*I don't wanna live in America no more* – uma linha que poderia valer a excomunhão nos Estados Unidos puritanos, que não no tolerante e civilizado Canadá natal). No sempre difícil e decisivo segundo álbum, os Arcade Fire recusaram a facilidade, aventurando-se no escuro e comprazendo-se no enigma.

Musicalmente *Neon Bible* é épico sem ser pomposo, dominado pelos arranjos de cordas de Owen Pallett (do curioso projecto pessoal *Final Fantasy*), o acordeão de Régine, um grandiloquente órgão de tubos e mesmo metais *mariachis* (*Ocean of Noise*). Uma secção rítmica coesa propuliona o disco e ajuda a manter os pés assentes na terra – pese a dimensão das preocupações cantadas, a vulnerabilidade poética de Butler, a opção multilingue (algumas linhas cantadas em francês), os Arcade Fire não deixaram de ser uma banda de *rock*. E das mais inventivas da actualidade, com um incontestado prazer por uma teatralidade que ajuda a pôr em perspectiva a gravidade dos assuntos recenseados para o álbum.

Os inventariadores de influências citam Bruce Springsteen ou os U2 como sombras tutelares do disco, acrescentando **Discopatia** ecos dos cativantes Go-Betweens ou de Ian McCulloch (dos Echo & The Bunnymen) na voz de Win Butler. A produção, a cargo da banda, é no geral pouco clara, a ambição sobrelevando à aptidão. Mas magníficos temas como *Intervention*, *Ocean of Noise*, *Windowsill*, *No Cars Go* e o *grand finale* *My Body is a Cage* salvam o projecto de uma pompa sem rumo.

Neon Bible, o tal difícil segundo álbum, é, mais do que grande, grandioso, mais empenhado que politizado, tão cínico quanto optimista e desconfortável mas terno nas suas imperfeições. Um triunfo suado.

eMail: honorato_pim@netcabo.pt

Discopatia 199

Terei perdido o autocarro? Queria esperar para ver? Estaria o *cachet* em negociação? A memória é nebulosa mas a verdade é que só aportei à *Audio* no número 2. Se em rigor tal me castra a possibilidade de passar à história como fundador, não menos me diminui a vaidade de ser o colaborador ininterrupto mais antigo.

Sobre a aventura miraculosa de 18 anos como revista de referência, quem de direito fala com mais ciência nesta edição. A efeméride, essa motivou-me uma viagem retrospectiva por artigos antigos de **Discopatia**, de grafismo honesto mas *passé* e revisão inicial defeituosa, povoados de entusiasmos passageiros, desânimos, exaltações e, como denominador comum, uma sempre renovada e juvenil paixão pela música e pelos discos.

Se hoje não subscreveria alguns dos exageros aqui proferidos a propósito deste ou daquele disco, na releitura também invejei muita da inocência e frescura que temo haja fenecido com o tempo, desgastado por tantos anos de escrita entrópica.

Com frequência achava a prosa redundante e a cheirar a mofo. Logo uma rara metáfora mais bem esgallhada, um *e-mail* provocatório ou um disco apaixonante (e o ânimo do Jorge Gonçalves ou de amigos como o José Vítor Henriques) me salvavam e encaminhavam o artigo para o prelo.

Mal suspeitava que as 199 **Discopatias** eram o que de mais próximo havia de um Diário sempre adiado e jamais escrito, com as suas imperfeições, piscadelas de olho, referências culturais, ódios e amores. Nestes 18 anos a *Audio* foi a minha Casa da Escrita.

Quando for famoso (e defunto), um biógrafo póstumo me arrumará os papéis.

Um homem propõe-se a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, reinos, montanhas, baías, navios, ilhas, peixes, habitações, instrumentos, astros, cavalos e pessoas. Pouco antes de morrer descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem do seu rosto.

Jorge Luís Borges, in *Museu*

Áudio Espacial

José Vitor Henriques

E STAVA sentado na beira da estrada expectante como quem espera boleia. Tinha um aspecto estranho, irreal, a cabeça lisa como um ovo, os olhos enormes e avermelhados. E não tinha orelhas. Subitamente, e sem que tivesse tido qualquer intenção de parar, estava sentado ao seu lado no carro. Vinha de outro planeta e tinha sido enviado para estudar os nossos hábitos e costumes com vista a um futuro contacto interplanetário, contou.

E tu, o que é que fazes?, perguntou numa pronúncia perfeita. Aparentemente tinham descodificado o nosso código linguístico com relativa facilidade. É uma linguagem rudimentar, explicou, perante a sua suspensão.

Sou crítico de alta-fidelidade, respondeu-lhe sem grande convicção.

O que é isso de alta-fidelidade?

Lá tentou explicar. Bom eu aíça os aparelhos utilizados para reproduzir música e depois escrevo umas larchas a propósito. A malta parece que gosta de ler. Vai dando para a bucha. Aqui sentiu que a alegada capacidade de descodificação semântica deste inesperado ET não era tão perfeita como dizia. Mostrou-lhe alguns exemplares da Audio que tinha no portaluvas.

E ouvem música com isto?, disparou com os olhos arregalados e uma expressão que lhe pareceu de estupefacção. Com estes caixotes?!

Bom, defendeu-se, também há colunas sem caixa e... Riu-se.

E isto o que é?

São válvulas! explicou, já sem grande esperança. Mostrou-se interessado.

São bonitas! Mirou-as durante algum tempo, o rosto estranho revelando traços

de um reconhecimento nostálgico.

Também temos técnicas digitais e cabos ópticos, e mostrou-lhe orgulhoso as fotografias. E já temos discos com som e imagem. Continuou: um dia as casas inteligentes terão um sistema de som e imagem integral. Os sinais serão enviados por satélite a partir de um banco de dados que terá armazenados todos os sons e imagens registados no planeta,

estes olhos não são a única forma de de recebermos imagens. Quando nascemos, é-nos colocado um circuito receptor no cérebro que capta os sons e imagens enviados por um organismo oficial. Ao princípio tudo correu bem. Ao entrar directamente no cérebro, o som mantém toda a pureza original e não é degradado pelos equipamentos, técnicas de transmissão e orelhas mal concebidas,

como é o vosso caso. Um dia um dos nossos governantes considerou que só havia um tipo de música considerado aceitável pelo moral vigente. Actualmente, só ouvimos e vemos aquilo que eles querem, quando querem. Perdemos o direito de opção. O programa é o mesmo para todos de acordo com o nosso estatuto social e político. E pagamos a correspondente taxa de utilização. Mas o som é óptimo!

Acordou encharcado em suor, o coração um cavalo à solta. Na penumbra do quarto rasgada pelo sol de

Dezembro, a chama da liberdade, o brilho das válvulas do preamplificador, continuava acesa e uma rodela de plástico preto atraía o pó no prato do gira-discos.

Uff! Que bom que era poder continuar a ouvir aquilo que queria, ainda que por processos primitivos e pouco ortodoxos, mesmo quando o poder constituído insistia que não era esse o caminho a seguir.

Durante todo o dia, uma ideia assombrou o seu subconsciente. Até que a técnica de uma entrada Direct para o cérebro não era má de todo. Acabava-se com a polémica das cabas e não se incomodava os vizinhos. O som teria de ser digital, claro. O cérebro funciona como um superconversor digital. Os ouvidos é que são analógicos...

Admirável mundo novo!

■ JVH



As pessoas escolhem o que querem ouvir e ver e pagam a conta no fim do mês. Poupa-se matéria prima no fabrico de discos, poupa-se espaço e há um melhor controlo dos direitos de autor. O som nos lares será produzido por ionização do ar e a imagem será tridimensional por projecção laser. Os sistemas interactivos permitirão mesmo participar nos espectáculos sem sair de casa. O ar na rua de qualquer forma deve estar irrespirável nessa altura, ironizou.

Esta descrição futurista não o animou lá muito, pelo contrário. E arriscou: Como é que ouvem música lá na vossa planeta? Já agora gostava de saber o que o futuro nos reserva para colocar de sobreaviso os meus leitores.

Olhou para ele com um esgar (um sorriso?) triste.

Como vês, nascemos sem orelhas. E